

"Maioria silenciosa" apóia a ocupação da USP

Como sempre aconteceu em todo movimento de defesa dos direitos da população, seja numa universidade, numa fábrica, num bairro, etc.: a imprensa burguesa sempre se destacou no quesito contra-propaganda. Esforçam-se em tentar dizer (e não mostrar) que estes movimentos são controlados por uma minoria, uma porção ínfima diante do total dos representados.

E que na verdade estes representados não são representados, pois são uma "maioria silenciosa".

Com a ocupação da USP, obviamente, não foi diferente. Após fracassos e mais fracassos da campanha pela desocupação da reitoria, finalmente os interessados na desocupação revelaram o jogo. Numa reportagem de capa de jornal O Estado de S. Paulo em sua edição de domingo, dia em que contam com um maior número de leitores, procuram "explicar" o que acontece dentro da ocupação. Não só e O Estado, mas vários outros jornais e revistas burgueses, como a Veja, promovem esta campanha de que os estudantes não passam de massa de manobra e a maioria é contra o movimento, mas não se manifesta.

As explicações são feitas das maneiras mais caluniosas e baixas possíveis. Uma maneira de esconder a realidade que foi, inclusive, um método muito utilizado pela ditadura militar, que espalhava carizes pelas ruas com o rosto de estudantes classificados como "terroristas".

Pois bem, apertei uma questão: se o movimento de ocupação da reitoria da USP é um movimento de minoria, onde a "maioria silenciosa" não apóia e está completamente desassociada disso, por que então a ocupação dura mais de 40 dias?

São os próprios estudantes, professores e funcionários (a maioria) que enxergam a falência da universidade pública em detrimento dos tubarões das universidades pagas. E são eles mesmos que impulsionam um movimento de luta contra esta realidade.

Se existe uma "maioria silenciosa", ela apóia o movimento. Caso contrário, a desocupação já teria ocorrido há muito tempo, pois tentativas não faltaram. E todas as tentativas foram feitas pela direita e pela burocracia universitária, apoiados pela reitoria e pelo governo Serra.

Diante das experiências passadas, os estudantes viram que a greve com ocupação é o caminho para pressionar a reitoria e o governo, que se encontram num profundo impasse. Foi a ocupação da reitoria da USP que impulsionou ocupações por todo o estado e por todo o País.

Além disso, se existe uma maioria silenciosa, ela é silenciosa também em relação à direita, que até agora não conseguiu demonstrar nenhuma força pela desocupação.

Primeiro tentaram dissuadir os estudantes dentro da própria ocupação, através de uma minoria da burocracia estudantil.

Depois tentaram o blefe de que a Tropa de Choque da Polícia Militar iria invadir o prédio e expulsar os manifestantes. Mais tarde tentaram organizar um ato - esse sim literalmente silencioso - por parte de alguns professores ligados à reitoria. O "ato" foi no mínimo cômico. Foi preciso esticar os braços ao máximo para que o número de participantes conseguisse dar uma volta completa em torno do prédio do relógio.

Enquanto isso, o movimento de ocupação seguiu crescendo. Nas plenárias e assembleias, mais de mil estudantes rejeitaram todas as propostas de desocupação e toda campanha contra este movimento. O que se provou com isso tudo foi a desmoralização da direita e a força da luta contra os decretos e pela autonomia universitária.

E aí, reitora? Cadê a negociação?

A reitora Suelly Vilela se negou até agora a discutir as 18 reivindicações levantadas pelos estudantes. Em mais de 40 dias de ocupação a reitoria mostrou-se completamente intransigente com relação às reivindicações estudantis. A reitora Suelly Vilela não quis negociar com os estudantes e ainda pior, não se posicionou realmente até agora sobre nenhuma das 18 reivindicações. A saída, portanto, é pressionar a reitoria para ter estas reivindicações atendidas através de uma ampla campanha voltada contra ela dentro da universidade. Os estudantes ocupados acumularam diversas vitórias contra a reitoria e o governo que estão em uma posição defensiva e colocados em um impasse, no qual são os estudantes ocupados quem têm de definir os rumos do movimento contra o governo.

Qualquer flexibilização da pauta ou demontação de recuo é a defesa de que a reitoria e o governo levantem novamente a cabeça, como tentaram fazer o bloco PSol-DCE na assembleia dos estudantes nesta segunda-feira.

É por isso que os estudantes que aguardam uma nova reunião, que ainda não está marcada, com a

reitoria devem exigir o posicionamento sobre toda a pauta de 18 pontos levantada pelos estudantes mobilizados na ocupação.

Além disso, o governo também tenta se esquivar da obrigação de se posicionar e apresentou ao público seu decreto declaratório sobre os decretos que ferem a autonomia universitária. É preciso ter claro que esse decreto declaratório não atende às necessidades dos estudantes e que apenas a revogação dos decretos e a alteração dos planos do governo para a educação superior é que podem contentar os estudantes.

A ocupação colocou também uma questão central para o movimento que é a questão do poder na universidade. Os estudantes devem rejeitar a estatuinte da reitoria, que defende os decretos e a destruição da universidade pública e, neste sentido, apenas uma estatuinte democrática, discutida e decidida pelos estudantes, professores e funcionários pode ser representação dos interesses do conjunto da comunidade acadêmica, da universidade, contra a burocracia universitária e o governo.

A ASSEMBLÉIA GERAL DEIXOU CLARO:

PSOL ESTÁ MANCOMUNADO COM DCE E REITORIA DA USP

Na assembleia geral desta terça-feira, PSol, o DCE e a reitoria se uniram para dar um golpe e quebrar o movimento.

Não tinham coragem de apresentar a proposta de desocupação imediata, que é a reivindicação da burocracia da universidade e do governo, que se recusam a negociar as 18 reivindicações colocadas pelos estudantes.

Por este motivo, apresentaram à assembleia a proposta de indicativo de desocupação caso da reitoria se compromettesse em atender alguns pontos. Sua proposta tem como objetivo desmoralizar a ocupação e rebaixar a pauta de reivindicações na negociação com a reitoria.

Defenderam, depois de se aproveitarem da dispersão do movimento na ocupação, causada pelo feriado, justamente o que a reitoria quer: que caso a reitoria aceite os pontos rebaixados que ela mesmo propôs em completo desforo às reivindicações dos estudantes.

A operação para quebrar a ocupação foi fracassada. PSol, DCE e reitoria conseguiram mobilizar um grupo de estudantes para ir à assem-

bléia e tentar uma desocupação sem decisão da assembleia, mas que sequer teve força para permanecer até o final da assembleia.

Outra prova do fracasso da manobra de traição da ocupação na assembleia geral foi o fato de ter sido incluída como uma das propostas de condicção para a desocupação a reivindicação de que a estatuinte da universidade seja realizada em um congresso com a participação dos estudantes, professores e funcionários, que se opõe frontalmente à estatuinte antidemocrática proposta pela reitoria, decidida a quatro portas apenas entre os membros da burocracia universitária.

O que PSol, DCE e reitoria querem é acabar com a ocupação de maneira abrupta, sem que nenhuma reivindicação seja atendida ou que qualquer negociação seja avaliada. A proposta de "indicativo de desocupação" também foi, neste sentido, contida pelo conjunto dos estudantes, que impuseram, para desespero dos pelegos, a proposta de estatuinte e que qualquer proposta para a desocupação deve ser reavaliada em uma próxima assembleia dos estudantes.

ENTRE EM CONTATO: Rua Miguel Stéfano, nº 349, Saúde, CEP 04301-010, Fone (11) 5584-9322, e-mail: ajr@pco.org.br, internet: www.pco.org.br/ajr